

A Companhia de Jesus e o problema dos Refugiados

Carta do Padre Pedro Arrupe a todos os Superiores Provinciais Jesuítas
Novembro 14, 1980

Querido Padre, Pax Christi!

Perto do tempo do Natal, no ano passado, atingido e chocado pelo drama de milhares de *boat people* e refugiados, senti que era meu dever enviar mensagens a cerca de 20 Superiores Provinciais no mundo. Ao partilhar com eles a minha angústia, perguntei-lhes o que poderiam fazer nos seus países e na Companhia universal para trazer ao menos algum alívio a uma situação tão trágica como aquela.

A resposta foi magnífica. De imediato surgiram ofertas de ajuda em meios humanos, conhecimento e material; foram enviados comida, medicamentos e também dinheiro; foi levada a cabo uma acção directa através dos *media* de forma a influenciar o governo e as agências privadas; voluntariaram-se serviços pastorais e capacidades organizacionais, etc.

No seguimento desta primeira onda de acção, agendei uma Consulta na Cúria para reflectir sobre o género de resposta que a Companhia poderia dar ao problema, cada vez mais sério, dos refugiados pelo mundo. Em Outubro houve 15 artigos noticiosos e reportagens sobre este encontro.

Para começar, expliquei que esta situação constitui para a Companhia um desafio que não podemos ignorar se nos queremos manter fiéis aos critérios de Santo Inácio para o nosso trabalho apostólico e aos recentes apelos da 31^a e 32^a Congregações Gerais. Nas Constituições, Santo Inácio fala de um bem universal maior, de uma urgência crescente, da dificuldade e complexidade do problema humano envolvido, e da ausência de outras pessoas para atenderem a esta necessidade (cf Const VII, 2, n 623). Com o nosso ideal de disponibilidade e universalidade, o número de instituições aos nossos cuidados e a colaboração activa de muitos leigos que trabalham connosco, estamos particularmente bem preparados para ir ao encontro deste desafio e fornecer serviços que não estão a ser suficientemente desenvolvidos por outras organizações e grupos. Um incentivo adicional poderia ser o facto de o tipo de serviço requerido, porque pede períodos relativamente curtos de tempo aos jesuítas, não precisar, se bem planeado e coordenado, de interromper a vida e o progresso dos apóstolados e instituições existentes.

Além disso, a ajuda necessária não é apenas material: de uma forma especial a Companhia está a ser chamada a prestar um serviço que é humano, pedagógico e espiritual. É um desafio complexo e difícil; as necessidades são dramaticamente urgentes. Não tenho nenhuma hesitação em repetir o que disse na nossa Consulta: “Considero isto como um novo apóstolado moderno para a Companhia como um

todo, de grande importância para hoje e para o futuro, e de grande benefício espiritual também para a sociedade”.

Levamos dois dias a olhar para o considerável volume de trabalho já desenvolvido no terreno pela Companhia e a considerar formas através das quais este poderia ser alargado e melhor coordenado. Examinámos as possibilidades que a Companhia já tem, e especialmente aquelas que poderia vir a ter no futuro se este trabalho fosse desenvolvido.

Um balanço mais completo deste encontro, a par de exemplos do que os jesuítas estão já a fazer pelos refugiados em várias partes do mundo, é dado na corrente edição de Outubro do *Promotio Justitiae* (n 19) que vos será enviado por correio em breve.

À luz da nossa consulta e após discussão posterior com os meus conselheiros gerais, decidi estabelecer dentro da Cúria um serviço para coordenar o trabalho jesuíta em prol dos refugiados, que a partir de agora será designado por “Serviço Jesuíta aos Refugiados” (JRS). De momento, o JRS será uma extensão do Secretariado Nacional e ficará sob responsabilidade do Padre Michael Campbell-Johnston. Se, contudo, o seu trabalho aumentar, o JRS pode ser reforçado, primeiramente através de colaboradores noutras partes do mundo.

Os alvos e objectivos do JRS são os seguintes:

- a. Construir uma rede de contactos dentro da Companhia de modo a que o trabalho existente com refugiados possa ser melhor planeado e coordenado;
- b. Recolher informação que possa levar a novas oportunidades de assistência aos refugiados;
- c. Agir como uma ligação entre ofertas de ajuda de Províncias e necessidades de agências e organismos internacionais.
- d. Consciencializar a Companhia para a importância deste apostolado e para as diferentes formas que pode assumir quer dentro dos países de primeiro asilo quer nos países receptores.
- e. Dirigir especial atenção da Companhia para esses grupos ou áreas que recebem pouca publicidade ou ajuda vinda de fora;
- f. E encorajar as nossas publicações e institutos de ensino a desenvolver pesquisa sobre as causas de base do problema dos refugiados de modo a que uma acção preventiva possa ser levada a cabo.

Não se pretende que o JRS se torne numa grande operação. Ao desenvolver esta tarefa, far-se-á um esforço para trabalhar sobretudo com homens nas suas Províncias. É por esta razão que estou a anunciar esta nova atribuição do Secretariado Social a vós, como Provincial. Estou a contar largamente consigo e com os membros da sua Província para sustentar e ajudar a desenvolver esta vertente do seu trabalho.

Como passo inicial, gostaria de vos endereçar os seguintes pedidos:

- a. Dar a conhecer aos membros da sua Província o conteúdo desta carta e encorajá-los a responder a este novo apelo;
- b. Providenciar ao JRS informação sobre qualquer trabalho que esteja já a ser desenvolvido em prol dos refugiados na sua Província e como antevê possibilidades futuras de o ampliar;
- c. Fazer saber ao JRS que serviços ou ajuda gostaria de receber dele;
- d. Identificar, se achar necessário, um membro da vossa província que poderia servir de ligação com o JRS.

Espero que acolham esta carta e o seu pedido num espírito de prontidão e disponibilidade. Santo Inácio chamou-nos para irmos onde somos mais precisos para o maior serviço de Deus. A necessidade espiritual bem como material de cerca de 16 milhões refugiados hoje por todo mundo dificilmente poderia ser maior. Deus está a chamar-nos através destas pessoas desamparadas. Devemos considerar a oportunidade de assistir estas pessoas como um privilégio que irá, por sua vez, trazer grandes bênçãos a nós próprios e à nossa Companhia.

Confio a Companhia e eu próprio aos seus Santos Sacrifícios.

No coração de Jesus,

Pedro Arrupe, SJ Superior Geral